

Entrevista com Arnaldo Ourique (conclusão)

“É impossível dispensar a imprensa nos Açores”

O jornalismo tem condições para viver e viver bem.

No meu pensamento conhecedor da Região julgo que é suficiente dar às populações aquilo que elas não têm.

Têm notícias nacionais até à exaustão; então é necessário trabalhar com gráficos e explicações mais simples e apelativas; têm internacionais também, aplica-se o mesmo concerto. Só não têm o natural: melhor acesso e informações locais, menos políticos e mais pessoas, famílias, localidades, cidades, cultura.

Quem é que quer assinar um jornal numa ilha se ele chega no dia seguinte?; quando ademais os jornais nacionais chegam à ilha no mesmo dia?

Nos Açores temos todas as condições para com arte e trabalho possuímos vários jornais sustentáveis em publicidade e assinantes.

Na década de 1980 criei um pequeno jornal na minha freguesia que era, à altu-

ra, razoavelmente iletrada: foi um êxito, porquetinga como finalidade as pessoas onde o jornal se ineria; dedicava-se às notícias das localidades da freguesia (que era um trabalho) e com muitas fotos (e desenhos feitos por mim próprio).

Todos queriam ver e ler o jornalinho – porque se destinava a eles e não aos outros. Conheci jornais que mais parecia escreverem para si próprios do que as populações que o sustentavam.

Há forças políticas que, em vez de um apoio directo às empresas, preferem a criação de facilidades para mecenas ou a atribuição de assinaturas grátis a jovens e escolas, pagas pelo erário público. O que acha?

Todas elas são boas ideias. Mas temos que falar com os jornais porque se é para continuar como está – só vamos adiar o problema.

O mecenas já é possível através da

lei dos benefícios fiscais; não funciona porque é risível.

Assinaturas grátis: sem jornais com aquela qualidade local de que estou a falar serão recebidos e servirão para aumentar o lixo reciclável.

A solução está nos próprios jornais; com a ajuda de todos, se realmente for a sério.

Uma população letrada sente falta de jornais, até tem fome de jornais – porque têm a magia da comunicação direta, palpável e local. Incentivos à leitura de jornais – teria um efeito poderoso.

Uma família habituada a ler diariamente um jornal – é um modelo excelente para a literacia. Temos, forçosamente, de pensar, não em criar currículo nem seguir os exemplos estrangeiros; temos de saber quais as nossas próprias dores.

Elas estão aí e há remédio; só que dá trabalho e os políticos querem os cargos bem remunerados, mas não querem su-

jar as mãos delicadas. Se não levantarmos a cabeça – algum dia bateremos na parede.

Os Açores dispensam a imprensa? Bastará o serviço público de rádio e TV?

Impossível dispensar.

Apesar de tudo, com vontade vamos mantendo a leitura dos jornais; antes pouco do que nada.

Impossível apenas e só o serviço público de rádio e TV; ademais seria entediante.

Eu acredito que os jornais a sério e com investimento público e com o governo a apostar na educação e formação das pessoas, conseguem resolver o problema.

Temos tudo; só é necessário arregajar as mangas e fazer do que é nosso as nossas notícias principais.

jornal@diariodosacores.pt

O “Diário dos Açores” ao longo dos tempos

Há frente dos maiores acontecimentos registados na memória dos nossos antepassados, o Diário dos Açores gravou para sempre factos histórico-culturais e sócio económicos que, sem a sua existência, se teriam perdido nas linhas do tempo.

Nunca é demais sublinhar que todo esse inquestionável património devemos ao seu fundador: Manuel Augusto Tavares de Resende, que com apenas 25 anos e inspirado pelo ainda resistente Diário de Notícias, criou este jornal e rapidamente se revelou um jornalista inconfundível e irreverente na região, pois preconizou, em diversos artigos, as bases da nossa autonomia – decerto surpreendendo em cada palavra quem o havia considerado apenas um sonhador, fruto da sua tenra idade.

Numa linha editorial sem precedentes na região, este jornal tornou-se a voz de muitas figuras ilustres e intelectuais que, já na altura, colaboravam com artigos de opinião despojados de ideais sobre o progresso desta terra.

Em boa parte devido à publicação desses discursos, nos seus primeiros anos de vida era obrigatório ler o Diário. Ou, pelo menos, dá-lo a alguém que o soubesse ler, pois eram publicados anúncios importantíssimos, como ofertas de emprego, ou notícias sobre os barcos que iriam atracar nas ilhas com destino para o Brasil ou Estados Unidos da América. Nas suas páginas davam-se conselhos sobre a saúde e apontamentos sobre a agricultura; publicavam-se os preços dos produtos à venda no mercado; publicava-se o nome dos passageiros que saíam ou entravam em São Miguel, com destaque para as pessoas de classe social mais elevada; e informavam-se as pessoas que



um determinado médico iria de férias, por exemplo, para as Furnas e quando regressaria a Ponta Delgada e voltaria a receber os seus utentes. Ainda era motivo de notícia quem se casava, quantos nascimentos tinham ocorrido num determinado mês, quantos baptizados por cada freguesia teriam acontecido e quantas pessoas tinham morrido naquela data no hospital. Notícias sobre o clero também eram frequentes, com a descriminação de onde iriam ocorrer as festas religiosas ou procissões, sendo que naquele tempo já se elogiava as festas de Rabo de Peixe, sempre repletas de muita gente. Com o editorial do director escrito na primeira página – versando os mais variados assuntos –, o Diário retratava os mais simples acontecimentos que ocorriam na vida do açoriano.

Porém, o jornal não publicava apenas notícias locais.

Vários paquetes traziam histórias ferrosas do continente português, Madeira e mundo fora. Notícias trágicas, como assassinatos em Paris ou catástrofes, o crescente número de mulheres jornalistas nos Estados Unidos, que em 1887 já chegavam às 200, ou o facto de haver inúmeras casas de prostituição espalhadas pela Europa, chocariam certamente algum açoriano mais conservador.

Efectivamente, o Diário dos Açores era um jornal sem igual. Num modelo jornalístico diferente – arrisco-me a dizer até engraçado –, eram publicadas curiosidades sobre a vida comum. O uso de termos e títulos irónicos ou com alguma troça também eram frequentes, especialmente quando aconteciam desastros,

facto recorrente na ilha de São Miguel.

Para uma leitura apetecida ou para as senhoras que gostavam de literatura de cordel, eram publicadas novelas, pequenos romances, poemas religiosos ou de amor, dedicatórias, receitas e anedotas.

Por outro lado, nota-se também que, nesta década, Ponta Delgada estava a crescer enquanto cidade. Muitas lojas colocavam publicidade no Diário e enchiam páginas inteiras, chamando a atenção para os seus chapéus de palha ou vestidos que seguiam a “última moda” de Paris.

E mais. Lê-se frequentemente nos primeiros números do Diário dos Açores, o “incentivo” a se entregar um objecto roubado até “X” dia nas instalações do jornal. Se tal não acontecesse, o nome do larápio seria publicado nas estampas do quotidiano e enfrentaria a humilhação social.

Hoje, na comemoração desta data invulgar, provamos, mais uma vez, que a constante evolução tecnológica não será capaz de fazer desaparecer o genuíno jornalismo de imprensa. Em quase século e meio de publicação, o Diário dos Açores continua a servir o propósito do seu fundador, de criar vínculos com as pessoas e favorecer o jornalismo regional com parte integrante da população, embora novos desafios se tenham colocado nas gerações que lhe seguiram.

Detentor de uma importância inigualável na vida do açoriano e de um dos patrimónios mais ricos da imprensa portuguesa, recordamos nesta edição especial várias notícias com História e publicamos alguns desses trechos que merecem ser lembrados, pois este é um jornal que bem merece que dele não nos esqueçamos.